

Carla Rebelo é licenciada em Artes Plásticas - Escultura pela FBAUL (2000). Fez formação em Têxteis, Cenografia e Desenho. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em 2010/11. Participou em residências artísticas em Portugal e também na Rússia (2013); Madrid (2012) e em Berlim (2011) e Istambul (2010) na sequência do projecto *Viagem ao interior das cidades vividas*. Expõe colectivamente desde 1999. Das suas exposições individuais destacam-se: Órbitas Tangentes, Sput&Nic - the Window, Porto (2022); Geologia de um lugar, Galeria da Casa A. Molder, Lisboa (2022); Segundo o seu próprio tempo, Galeria Diferença, Lisboa (2020); Um momento que se repete continuamente, Galeria Águas Livres 8, Lisboa (2018); Paisagens Privadas, Galeria Diferença, Lisboa (2018); Um Pentágono, um Círculo, oito Livros, Biblioteca de São Lázaro, Lisboa (2017); Marca de Água, Museu do Dinheiro, Lisboa (2017); Becoming Water, Palácio Marquês de Pombal, Oeiras (2016); O destino seguia-nos o rastro como um louco com uma navalha na mão, Museu Nogueira da Silva, Braga (2015); Um movimento quase imperceptível que tem a ver com o voo, Galeria Monumental, Lisboa (2014).

Está representada em coleções públicas e privadas das quais se destacam: Coleção de Livros de Artista da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Arte Contemporânea, Málaga; Luciano Benetton Imago Mundi Collection; Museu de História de Kronstadt, São Petersburgo, Rússia; Polish Art Foundation, Melbourne, Austrália; Coleção MG; Colecção Figueiredo Ribeiro; Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português.

www.carla-rebelo.com

Sofia Ponte é atualmente Professora Auxiliar no IADE - Universidade Europeia, em Lisboa. Anteriormente, foi Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É membro integrado do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+) no grupo Unexpected Media Lab. Obteve o seu doutoramento em Arte e Design na Universidade do Porto. Recebeu uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) para realizar a sua investigação, publicada, em 2020, pela Editora Caleidoscópico e a Direção Geral do Património Cultural. Licenciou-se em Artes Plásticas - Escultura pela Universidade do Porto e obteve o seu mestrado em Visual Studies na School of Architecture and Planning do Massachusetts Institute of Technology, EUA. Tem publicado, lecionado e apresentado o seu trabalho artístico e científico em vários contextos nacionais e internacionais, académicos e não académicos.

03.09 - 30.10.2022

Curadoria e texto de Sofia Ponte

Agradecimentos:

A artista gostaria de agradecer a Sofia Ponte, Maria Luís Neiva, Ricardo Areias, João Rapaz, Carolina Pinto (Trimalhas), à Engenheira Isa Rodrigues (Mabera) e a Paulo Fernandes (Limol).

Apoios:



A cidade das Tecedeiras

Carla Rebelo

A Herança Têxtil em Guimarães e o conceito de Escultura *site-specific* em Carla Rebelo

As obras que integram a exposição *A cidade das Tecedeiras* de Carla Rebelo no CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura organizam-se em torno de duas ideias principais, o têxtil e a escultura *site-specific*. Em Portugal, Rebelo é das poucas artistas que tem procurado materializar as suas pesquisas artísticas através de uma combinação sistemática entre estas duas categorias. Os trabalhos que encontramos expostos têm origem numa reflexão sobre a cultura têxtil em Guimarães, cidade onde Rebelo esteve em residência artística, em abril e, mais recentemente, em agosto de 2022. Neste período a artista pesquisou sobre a história da indústria têxtil da região e visitou três fábricas que representam etapas fundamentais do processo de fabrico têxtil: uma fábrica que cria fio, uma fábrica que cria tecidos de malha e uma fábrica que integra todo o processo da criação do tecido até à confeção de roupa, incluindo o seu tingimento. Nestas visitas Rebelo pôde assistir ao que sobrevive de um ecossistema de produção industrial têxtil, outrora significativamente produtivo na cidade (Pereira 2017).

Das visitas a estas três fábricas, de onde a artista recolheu todos os materiais que emprega nestas obras, e da estadia de Carla Rebelo no CAAA, em Guimarães, um centro de arte, curiosamente, ainda com vestígios da sua anterior função industrial, surgem, portanto, trabalhos inéditos. Em geral tematicamente relacionados com o desenvolvimento industrial, e em particular, por vezes, relevando a participação da mulher nesse processo. São, por isso, trabalhos realizados assumidamente sob o signo do conceito de *site-specific*. Este é um conceito empregue por artistas, a partir dos anos 1960, para descrever os seus trabalhos criados para um local específico, seja este um espaço interior ou uma paisagem. Este tipo de obras surge de processos conceptuais e criativos que, de uma forma ou de outra, relacionam o trabalho com os lugares em que os seus significados são primeiramente definidos. Esta abordagem induzida pelo Minimalismo, um período da arte do século XX em que vários artistas, muitos deles escultores, se opuseram ao princípio modernista de subtrair de uma obra marcas que interferem com a sua “artisticidade”, questionando fortemente o conceito de arte na altura. Recorrer às especificidades físicas dos locais em que os seus processos criativos se materializavam, permitiu à Escultura adquirir uma singularidade que outras formas artísticas à data não proporcionavam. A Escultura tornava-se assim uma experiência irrepitível, o lugar e a sua experiência única (Kaye 2008). Assim, quando o debate público sobre o *Tilted Arc* (1981) de Richard Serra (n.1939) levou à sua remoção da Foley Federal Plaza, em Nova Iorque, em 1989, o escultor reagiu com o que pode ser considerado uma definição paradigmática de *site-specific*: “Deslocar a obra é destruir a obra” (Kaye 2008, 2).

Nesta exposição não vai ser necessário “destruir” obras porque o conceito de *site-specific* que Carla Rebelo aprofunda revela algumas das mudanças que este foi, desde então, sofrendo. Estas mudanças assinalam novas perspetivas sobre os processos criativos e não apenas um desejo de distinguir as práticas atuais das de 1960, assumindo diferenças substanciais em relação aos preceitos artísticos da especificidade do local. Mudanças refletidas, segundo Miwon Kwon (2002), por exemplo, no surgimento de novas designações para esses mesmos processos, tais como, *context-specific*, *debate-specific*, *audience-specific*, *community-specific*, e *project-based*. O processo criativo de Carla Rebelo está embebido nestas mudanças e revela uma compreensão do espaço da arte não apenas como um espaço físico, mas também como um espaço onde se tecem relações culturais, patrimoniais, históricas, sociais e políticas, num prolongamento das suas pesquisas artísticas para aspetos imateriais de um determinado território.

Mais do que esculturas *tout court*, o visitante depara-se nesta exposição com instalações imersivas e objetos instalados de forma a proporcionar um aprofundamento das relações tridimensionais entre o seu corpo, matérias iluminadas e o espaço que tudo envolve. Deste modo, a experiência do visitante não se limita à observação dos trabalhos à distância, mas a uma estimulação integral dos seus sentidos (Bishop 2005). A obra *A Casa das Tecedeiras*, que ocupa toda uma sala do CAAA, apresenta-se como uma estrutura contínua de tensões repetitivas que preenchem o espaço expositivo. Esta estrutura é constituída por fio de algodão, madeira e pesos de chumbo que juntos ecoam um sistema de produção industrial. Será esta instalação um tear? um tear *Jacard*? uma sala de fiação? um salão de tecelagem? Seguramente que nalgum momento a configuração surge ao visitante como uma *casa*. Uma casa-tear ou um tear-casa? Qual a diferença? Creio que este edifício transparente, que tanto expõe como protege o visitante, funciona como uma metáfora para um processo de transformação. Por exemplo, da manualidade para a industrialização, do fio para o tecido... da jovem mulher a mulher adulta.

As “mulheres de fábrica”, expressão atualmente em desuso, foi apreendida no texto de Paula Ramos Nogueira (2020), no qual Carla Rebelo também se baseou para a realização dos seus trabalhos, e que investiga a feminização da indústria têxtil em Guimarães. Esta expressão, usada com frequência com valores depreciativos descrevia as operárias como “mulheres pouco recomendáveis” (p. 93).

